

**Cavendish, Sueli e Valois, Michelle (Org). *Teoria e prática da tradução literária*. Recife: Editora UFPE, 2014. 243p.**

Sonia Ramalho Farias  
Universidade Federal de Pernambuco

Araripe Júnior já afirmava, no séc. XIX, que criticar a crítica equivaleria para o crítico a “saltar por cima da própria sombra”. A metáfora pode ser estendida hoje, aqui, a figura do tradutor e as reflexões que acompanham a atividade tradutória no conjunto dos diversificados textos inseridos nessa bela coletânea organizada por Sueli Cavendish e Michelle Valois, *Teoria e prática da tradução literária* (2014), editada pela Editora da UFPE, com o selo inaugural da Eutomia, revista *online* do Departamento de Letras daquela universidade

Como o título indica, trata-se de uma dupla visada: a prática da tradução e a necessidade de teorizar sobre ela, num arriscado e desafiador salto, que tenta compreender, simultânea e reflexivamente, seu próprio objeto de estudo, situado, como diz um dos coautores da obra, num “campo de saber em constante movimento” (SANTOS. In: CAVENDISH, 2014, p. 198), ao assinalar o caráter inter/transdisciplinar dos Estudos da Tradução. Essa inter/trans disciplinaridade é responsável no contexto atual pela legitimidade das múltiplas formas de pensar a tradução, desde que se atente para “seus respectivos âmbitos de validade”, constituindo o alargamento de seu conceito, no dizer do prefaciador do livro “um dos grandes ganhos epistemológicos da área nas últimas décadas” (CARDOZO. In: CAVENDISH, 2014, p. 10).



No que se refere de forma específica às correlações que nos interessam mais de perto, aquelas entre teoria/crítica e tradução, elas são diretamente estabelecidas ou indiretamente aferidas do próprio *corpus* da coletânea na “diversidade harmônica” que o constitui: como práxis tradutória da literatura e como crítica dessa prática teoricamente fundamentada. Já na Introdução da antologia, Sueli Cavendish toma de empréstimo da Teoria romântica o seu conceito nuclear de Reflexividade, através do qual se opera o duplo processo de produção: o da criação literária que se faz enquanto exerce a reflexão crítica sobre esse fazer. A ensaísta localiza ainda a importância desse conceito na teoria de Walter Benjamin, pelo enlace, via retomada do conceito romântico de reflexividade, entre reflexão crítica e tradução: “Sob esse influxo o conceito de crítica e o conceito de tradução não apenas se transformam, se fundem, se expandem, capturados por uma cadeia infinita de reflexos e reflexões. [...] Tradução, interpretação e crítica passam a se constituir muitas vezes como conceitos intercambiáveis” (CAVENDISH, 2014, p. 8).

A intercambialidade desses conceitos permeia os diferentes enfoques do livro. Evidencia-se, por exemplo, no ensaio “Dante como tradutor dos clássicos”, de Andréia Guerini, Piero Bagnariol e Tereza Virgínia R. Barbosa, um dos mais interessantes do livro, em que os autores explicitam o caminho traçado no processo tradutório do poeta de Florença. Trata-se, utilizando-se dos subsídios de Copeland (1981), de enfatizar, na prática poética de Dante, a retórica e, ao mesmo tempo, destacar o desejo do poeta para se “libertar do latim e alcançar o grego”, recurso necessário para que o poeta/personagem possa representar seu encontro com Ulisses. Dante torna-se, assim, conforme evidencia o título do ensaio, tradutor dos clássicos. Entrelaçando poesia e tradução como sistemas semióticos abrangentes os autores apontam a comunicabilidade entre ambos. O exemplo é o próprio Dante, que transgride o contexto lingüístico da época, ao praticar no seu poema a tradução como “transferência de técnica, estilo e sentido”:

[...] a retórica, na Idade Média, é a ciência da linguagem consagrada e o latim a língua das grandes obras. Nesse contexto, escrever em vernáculo poderia ser um ato libertário, transgressor e arriscado. Para fazê-lo com maestria, somente um poeta hábil, Dante, que alcança valorizar o vernáculo e libertá-lo do latim universal através da utilização do sistema teórico-científico [...]. Desse modo, Dante fará a incorporação-transferência-tradução do sistema clássico de uso da linguagem para a persuasão e o convencimento no vernáculo' (GUERINI, *et al.* In: CAVENDISH, 2014, p. 20).

Na leitura/tradução de Dante, os ensaístas perseguem essa prática, buscando recuperar na forma poética do florentino os recursos retóricos e o estilo que a viabilizaram.

O ensaio subsequente, “Apontamentos para uma poética xamânica do traduzir”, de Álvaro Faleiros, aciona a interdisciplinaridade, articulando diferentes campos epistemológicos: tradução, antropologia e literatura. O texto debruça-se sobre o estudo do antropólogo Pedro Niemeyer Cesarino, *Oniska: poética do xamanismo na Amazônia*. O trabalho de Cesarino busca a alteridade indígena através de traduções comentadas e contextualizadas de cantos e narrativas dos Marubos. A investigação etnográfica do autor, subsidiada por depoimentos de seus informantes, possibilita a compreensão de “algumas práticas tradutórias como ‘poéticas xamânicas do traduzir’” (FALEIROS, In: CAVENDISH, 2014, p. 35). A polifonia de vozes que emergem de tais poéticas desmonta o eurocentrismo ainda subsistente na “metáfora antropofágica” de Haroldo de Campos, por exemplo, devedora do antropofagismo exótico de Oswald de Andrade, cuja visão do indígena seria filtrada pela idealização arcádica e pelo indianismo romântico. No dizer de Faleiros acerca da postura de Cesarino: “Aproximar-se desse tipo de pensamento é [...] o primeiro passo para a construção de uma teoria antropofágica de tradução, não mais pautada por um olhar europeu, mas

capaz de se deixar habitar pela ‘pessoa múltipla ameríndia’”. (FALEIROS, In: CAVENDISH, 2014, p. 35).

Em “O espaço da utopia barroca: três sonetos de Gregório de Matos em italiano, a tradutora, Sílvia La Regina, traduz para o italiano os sonetos “À cidade da Bahia”, “Contemplando nas cousas do mundo desde seu retiro...” e “Discreta e formosíssima Maria”, explicitando também sua prática tradutória e seu conceito de tradução. Concomitantemente, revê algumas noções básicas como as de plágio e, de maneira subjacente, as de fonte e influência, original e cópia, através das quais a crítica literária e a Literatura Comparada interpretam tradicionalmente a obra gregoriana. Dialoga, portanto, com a moderna Teoria da Literatura e com a Literatura Comparada contemporânea, que repensam esses e outros conceitos similares e correlatos. O diálogo inclui, ainda, a intertextualidade com diferentes produções poéticas, tomando o último soneto citado como tradução, recriação de sonetos de Góngora, numa leitura que busca resgatar a visibilidade do trabalho tradutório (não apenas o poético) pela recorrência à concepção de tradução de Haroldo de Campos como “recriação ou criação paralela, autônoma porém recíproca”, na esteira do conceito de “transposição criadora” de Jakobson.

Outro texto que recupera as colocações do tradutor e poeta do concretismo é o de Marcelo Tápia, cujo título “Ao que se dá o tradutor de poesia?” joga com o título dado por Haroldo de Campos ao ensaio de Benjamin sobre tradução, cujos pressupostos acerca da atividade tradutória encerrariam para seu tradutor uma “experiência de choque”. Subsidiado por Benjamin na tradução de Campos e, mais diretamente, pelo próprio Campos, o estudo de Tápia conjuga crítica e tradução, sobretudo, via problematização das noções tradicionais de “fidelidade” “literalidade” e “equivalência”, este último conceito ainda hoje persistente e paradigmático nas teorias da tradução. Afirma, à semelhança do ensaio de Sílvia La Regina, a visibilidade da tarefa do tradutor, acionando o conceito grego de *hybris* (ousadia, insolência, excesso, transgressão) com o qual o

autor de *Metalinguagem e outras metas* define a ação tradutória: “transformar, por um átimo, o original na tradução de sua tradução” (CAMPOS, *apud* LA Regina. In: CAVENDISH, 2014, p.41). As reflexões teóricas do tradutor fundamentam seu exame crítico dos procedimentos acionados por diferentes tradutores no exercício da tradução poética, em busca, a exemplo de Campos, da “particularidade da tradução de poesia”.

O ensaio a quatro mãos “As traduções brasileiras do prefácio de Oscar Wilde”, de Eliane Leal e Germana Henriques Pereira de Souza, exercita a dupla função de crítica e tradução através do coitejo de algumas traduções publicadas no Brasil entre 1923 e 2011 do prefácio d’*O retrato de Dorian Gray*. São postos, assim em confronto o texto original de Wilde e as práticas tradutórias de João do Rio, Oscar Mendes, José Eduardo Moretzsohn e Lígia Junqueira. Observa-se, ao lado do predominante lastro comum entre elas, a diversidade de procedimentos que as caracteriza. Apenas para se ter uma ideia do processo, veja-se a transcrição de um dos exemplos destacados pelas autoras:

Original	João do Rio	Oscar Mendes	Moretzsohn	Lígia Junqueira
The critic is he who can translate into another manner or a <b>new material</b> his impression of beautiful things	Crítico é aquele que pode traduzir d’outra forma ou com <b>processos novos</b> a impressão deixada pelas belas coisas.	O crítico é aquele que pode traduzir, de um modo diferente ou por um <b>novo processo</b> , a sua impressão das coisas belas.	O crítico é aquele capaz de traduzir para uma outra maneira, ou para um <b>novo material</b> , sua impressão das coisas maravilhosas.	O crítico é aquele que sabe traduzir em outra forma ou em <b>novo material</b> sua impressão das belas coisas.

(LEAL *et al.* In: CAVENDISH, 2014, p. 78 – grifos das autoras)

Diferentemente dos ensaios que buscam acentuar as marcas do tradutor, sua visibilidade diferencial no texto traduzido, a tradução em grupo explicitada no ensaio de Guilherme Gontijo Flores, Adriano Scandolara e Vinicius Barth, “Da perda à reconquista: uma apresentação do *Paradise Regained* de John Milton”, persegue a tradução como “autoesvaziamento”. O termo não nega a atividade tradutória como recriação/reescritura, mas aponta para os limites do processo tradutor. A expressão designa, assim, o mecanismo de “suavização do subjetivo que ocorre entre o ato interpretativo e o ato tradutório (entre a leitura e a produção do texto final)” (LEAL *et al.* In: CAVENDISH, 2014, p. 147). O esvaziamento do ego é duplamente configurado: como esvaziamento das emoções, quanto da ideologia do tradutor. Constitui, pois, o que os ensaístas/tradutores denominam “visada ética da tradução”. O confronto entre personalidades de áreas e *background* distintos é relativizado no método da discussão coletiva da tradução, assim como os diferentes pontos de vista disponíveis no contexto em que se inserem os tradutores. O resultado final visa assegurar, no texto traduzido pelos ensaístas, a manutenção da “unidade estilística” do texto objeto, segundo o estilo “monovocal” (mas não sem variações) do poema de Milton, em conformidade com os modelos clássicos do autor. Como não poderia deixar de ser, numa atividade tradutória que se confunde com crítica literária, o estudo também envereda pelas trilhas da Literatura Comparada ao ler em *Paraíso Reconquistado* a radicalização da estrutura dramática de *Paraíso Perdido*. Ambos tendo de permeio a releitura de uma diversificada tradição poética que os antecede.

Por último, para ficarmos apenas com mais um exemplo, a ética da tradução volta a ser pensada sob novos parâmetros, num texto crítico que a converte em tema da literatura, “O tradutor detetive e Jorge Luis Borges”, de Alessandra Matias Querido. A “ficcionalização da tradução e do tradutor”, conforme o recurso temático é denominado no prefácio de Maurício Mendonça Cardozo, alarga o campo interdisciplinar dos Estudos da Tradução. Agora ela é

rediscutida na própria malha ficcional e na abordagem crítica que se debruça sobre a tessitura narrativa, ensejando correlações entre “traduzir, desvendar, interpretar e decifrar informações”, atividades que levam à identificação na fabulação literária entre a figura do tradutor/traidor, deslindador de mistérios e a do detetive policial. A abordagem do tema no intertexto de Borges e Põe, lidos por Luis Fernando Veríssimo (*Borges e os orangotangos eternos*, 2009), enseja a discussão de questões relativas à crítica e teoria literária, tais como as de gênero policial, não confiabilidade do narrador, intertextualidade. Propicia também, como seria de esperar, o encaixe ensaístico de teorias e ensaios diversos sobre procedimentos ficcionais e poéticos entrelaçados à temática da tradução e, de forma especial, à obra borgiana. Tome-se como exemplo a alusão à figura do *flâneur* baudelaireano, teorizada por Benjamin, “primeira prefiguração do detetive” devido a seu papel de observador. Considerem-se ainda as citações de Ítalo Calvino e Umberto Eco sobre as qualidades técnicas e morais do tradutor e os excertos do próprio Borges e de Edgar Allan Poe sobre as características do conto policial.

O livro reúne ao todo quatorze ensaios, além da Apresentação de Sueli Cavendish e de uma entrevista com o quadrinista Pierro Bagnariol sobre a adaptação da *Divina Comédia*, de Dante para a História em Quadrinhos. A resenha dos poucos ensaios pinçados neste lançamento (alguns outros ficaram de fora) nem de longe contempla a complexidade e importância da coletânea, cujo enfoque entrelaçado da teoria e prática da tradução literária suscita a discussão crítica de questões que se desdobram em várias outras. A começar pela problematização do próprio conceito de tradução e da diversidade do processo tradutório; da abrangência dos campos de saber envolvidos, conforme abordado nos vários ensaios resenhados; das possíveis defasagens e contradições entre o discurso teórico do tradutor e sua operação discursiva no ato de traduzir, revendo as relações problemáticas entre teoria e prática e o posicionamento e limites do sujeito face à obra que traduz, a exemplo

do que é discutido num ensaio não especificamente contemplado nessa resenha, “Autoria, paratexto e recepção das traduções de Venuti”, da autoria de Luana Ferreira de Freitas e Camila Araújo da Silva. A discussão se estende também a aspectos técnicos e metodológicos atinentes à tradução coletiva em confronto com a prática individual da tradução, segundo foi visto no ensaio sobre a poética de Milton; ao enfrentamento de diferenças linguísticas e culturais, à semelhança do ensaio “Traduzindo a variação linguística em três contos de Thomas Hardy; de Carolina Paganine (texto igualmente não resenhado aqui). Incide, ainda, no enfoque do correlacionamento entre tradução automática e tradução literária, como é destacado em outro ensaio também ausente desta resenha, “Por uma estética na tradução automática”, de responsabilidade de Cleydestone Chaves dos Santos; nas indagações sobre adaptações de gêneros literários, tema central da entrevista concedida pelo quadrinista Pierro Bagnariol a Anna Palma e Tereza Virginia Ribeiro Barbosa. Em suma, a antologia, na sua variedade de abordagens interdisciplinares, enfoca o ato de pensar acerca da alteridade, do divergente e do semelhante. Tudo isso, enfim, envolvendo a teorização relativa à dimensão ética e estética da tradução e do objeto traduzido, num procedimento que retoma as colocações iniciais desta resenha sobre a quase indistinção das noções de tradução literária, crítica e teoria.

A coletânea representa, portanto, uma grande contribuição aos Estudos da Tradução entre nós, sendo muito bem-vinda.

Recebido em: 01/06/2015

Aceito em: 10/07/2015